

13º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2022

Contraideologia presente na obra *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos*, de Lima Barreto

BENHUR C. GARCIA¹, ÉRICA A. ROSSI²

¹ Graduando no Curso Técnico de Informática Integrado ao Ensino Médio, Câmpus Birigui, benhur.g@aluno.ifsp.edu.br

² Doutora em Letras, docente do IFSP, Câmpus Birigui, erica_a_rossi@ifsp.edu.br

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 8.02.06.00-0 Literatura Brasileira

RESUMO: A pesquisa tem o objetivo de analisar e discutir - sob uma perspectiva histórica, social e ideológica - os escritos de Lima Barreto presentes nas obras *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos*, que refletem os pensamentos contraideológicos do autor, principalmente no que tange à ciência e à psiquiatria determinista das quais foi vítima. *Diário do hospício* é uma produção autobiográfica do literato carioca em que retrata eventos, ideias e sentimentos experienciados durante o período da sua segunda internação no Hospital dos Alienados. É no romance autobiográfico inacabado *Cemitério dos vivos* que o escritor desenvolve, por meio de relações claras com seu diário, o protagonista Mascarenhas, que experimenta o medo e a solidão do encarceramento no manicômio. Embora com tons diferentes e de maneira ora velada, ora explícita, Lima Barreto, nas duas produções, critica o biologismo, o darwinismo social e outros aspectos sociológicos e psicológicos vigentes, os quais esta pesquisa tem por objetivo examinar, ao expor, em certa medida, como Lima precede algumas discussões do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Lima Barreto. Darwinismo social. Psiquiatria. Diário. Manicômio

Counter-ideology present in the work *Diário do Hospício* and *O Cemitério dos Vivos*, by Lima Barreto

ABSTRACT: The research aims to analyze and discuss - from a history, social and ideology perspective - the writings of Lima Barreto present in the works *Diário do hospício* and *O cemitério dos vivos*, which reflect the author's counter-ideological thoughts, especially with regard to science and deterministic psychiatry of which he was a victim. It is in the unfinished autobiographical novel *O cemitério dos vivos* that the writer develops, through clear relationships with his diary, the protagonist Mascarenhas, who experiences the fear and loneliness of incarceration in the asylum. Although with different tones and in a sometimes veiled, sometimes explicit way, Lima Barreto, in both productions, criticizes biologism, social darwinism and other current sociological and psychological aspects, which this research aims to examine, by exposing, to a certain extent, as Lima precedes some discussions of the 20th century.

KEYWORDS: Lima Barreto. Social Darwinism. Psychiatry. Diary. Asylum.

INTRODUÇÃO

No Natal de 1919, Lima Barreto é levado ao Hospital dos Alienados para sua segunda internação por conta de delírios ocasionados pelo álcool. Durante a permanência no hospital psiquiátrico, ele se apoia na escrita de seu diário para lidar com o ambiente hostil e solitário, pois, embora cheio de pacientes, nunca há identificação de Lima para com eles. Apesar da periculosidade dos internos agressivos com seus gestos e gritos, são as teorias científicas e psiquiátricas que rondavam o começo do século XX que faziam Lima temer. Negro, filho de uma mãe vítima da

tuberculose e de um pai acometido de neurastenia, o escritor parecia mais um dos casos escritos nos livros de psiquiatria, que depositavam na hereditariedade e na raça a causa da loucura e da degenerescência. (SCHWARCZ, 2011). É neste sentido que *Diário do hospício* está para além de uma obra autobiográfica, é uma produção que discute, através da ótica da vítima, a ciência prepotente, racista e fatalista que propagava ideias de “estigmas físicos de degeneração”, fundadas no darwinismo social. O autor não esgota o relato de sua experiência no seu diário, acaba por escrever o romance *O cemitério dos vivos* que dialoga com a primeira obra e soa como uma autobiografia ficcional. Por trás do protagonista Vicente Mascarenhas, Lima parece ressignificar suas críticas e experiências, dissertando sobre a polícia, o preconceito, a psiquiatria, desejos e o álcool, elemento este que fundamenta suas angústias e parece transformar sua vida em luta.

É por serem obras que trazem a perspectiva da vítima em relação às teorias supracitadas, somada à importância de Lima Barreto para a construção literária do século XX, que a análise e a discussão de seus apontamentos se fazem importantes, no sentido de averiguar a relevância do caráter ácido do escritor em adiantar pautas que entrarão em holofote *a posteriori*.

MATERIAL E MÉTODOS

O desenvolvimento da pesquisa, de cunho analítico e de observação crítica, foi pautado na leitura das obras *Diário do Hospício* e *O cemitério dos vivos*. Para tanto, publicações científicas de diferentes gêneros e áreas de estudo, tais como literatura, história e saúde foram mobilizadas para explorar, embasar e ampliar o viés de leitura aqui proposto. Reuniões semanais estão sendo feitas com o intuito de discutir o estudo e apurar os tópicos que serão expostos no presente trabalho. Deste modo, a pesquisa tem sido feita com base em leituras e investigações, orientadas por reuniões que auxiliam explicitar, de modo preciso, a contraideologia nas duas obras de Lima Barreto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É possível notar que as duas obras relacionadas a sua segunda internação no Hospital dos Alienados serviram para Lima Barreto não apenas repensar experiências e concepções, mas também foram utilizadas muitas vezes como uma tentativa de resgatar sua individualidade - contrariando as generalizações impostas pelo manicômio - e manter-se lúcido naquele local em que parecia a fusão vida e morte (HIDALGO, 2009). Sua lucidez não se configura simplesmente como aquela em que o sujeito tem posse de suas faculdades mentais, mas está ligada frequentemente a sua capacidade de rejeição daqueles modelos e ideais científicos insensíveis, que ganharam força para serem repudiados apenas décadas depois. Essa perspectiva crítica assertiva, que vai contra os pensamentos hegemônicos e permeia todas as duas obras, afigura-o ironicamente como o mais lúcido do manicômio ou o mais vivo daquele “cemitério”. O julgamento torna-se mais preciso ou sentimental à medida que passa por uma autoanálise, seu juízo ganha força principalmente por ser vítima desse sistema, e a interposição do seu discernimento entre os relatos pessoais é o elemento que confirma a ideia.

Em alguns momentos, seus apontamentos sistemáticos são permeados pela sua convicção a respeito da própria loucura e, portanto, escreve sem incertezas:

De mim para mim, tenho certeza que não sou louco; mas devido ao álcool, misturado com toda a espécie de apreensões que as dificuldades de minha vida material há seis anos me assoberbam, de quando em quando dou sinais de loucura. (BARRETO, 2017, p. 34)

Entretanto, na extensão da obra, essa estabilidade não se garante e evidencia, através da mudança de autoanálise, as inseguranças do escritor que, ao analisar a estrutura, parece certo e convicto, mas ao tratar de si, permite a liberdade da dúvida: “O que há de mim, meu Deus? Loucura? Quem sabe lá?” (BARRETO, 2017, p. 53)

As incertezas irão se refletir no seu gosto pelo mistério, em que a autoanálise e a crítica se fundirão fortemente. Lima Barreto vai se mostrar contrário às nomenclaturas e à busca pela origem da loucura, vai oferecer como contraponto um apego ao mistério ou à ideia de que não se pode nomear ou categorizar tudo - como fazia a ciência da época - num ideal de onisciência e onipotência. As tensões e desigualdades raciais apresentavam-se fortemente no início do século XX, reforçando as latentes

questões advindas do racismo, que impunha eventos desarmônicos na vida dos negros brasileiros e tornavam intensas as incompreensões a respeito de si mesmos. Embora a questão racial tenha admitido as formas científicas buscando justificativas racionais, Lima Barreto não produziu considerações mais amenas, em verdade mostrou-se bem avesso a essas reafirmações racistas transvestidas de ciência, apontando como contraponto e solução o ilógico (SANTANA; DOS SANTOS, 2016). Com uma vida cheia de incongruentes percalços e uma dificuldade de se definir ou de se entender, ele não via sentido naquelas teorias que queriam determinar seu destino e acaba por produzir uma crítica fruto do seu subjetivismo:

Todas essas explicações da origem da loucura me parecem absolutamente pueris. Todo problema de origem é sempre insolúvel; mas não queria já que determinassem a origem, ou explicação; mas que tratassem e curassem as mais simples formas. Até hoje, tudo tem sido em vão, tudo tem sido experimentado; e os doutores mundanos ainda gritam nas salas diante das moças embasbacadas, mostrando os colos e os brilhantes, que a ciência tudo pode. (BARRETO, 2017, pg.55)

Parte do entendimento dos apontamentos do escritor, que perpassam a sua vida pessoal, exige uma análise objetiva que inclua alguns dos protagonistas de posições relevantes na ciência e na psiquiatria da época, compreendendo suas teses e hipóteses defendidas, uma vez que tais ideias se refletem em seus comportamentos para com os internos, assim como é preciso analisar de que maneira elas impactam o contexto social e a vida de Lima Barreto, já que ao longo da escrita das obras o autor se mostrará mais afetuoso ou evasivo conforme cada alienista. Em dado momento, o paciente-escritor é chamado para ser examinado pelo aclamado psiquiatra brasileiro Henrique Roxo:

Ele me parece desses médicos brasileiros imbuídos de um ar de certeza de sua arte, desdenhado inteiramente toda outra atividade intelectual que não a sua e pouco capaz de examinar o fato por si. Acho-o muito livresco e pouco interessado em descobrir, em levantar um pouco o véu do mistério - que mistério! - que há na especialidade que professa. Lê os livros da Europa, dos Estados Unidos talvez, mas não lê a natureza. (BARRETO, 2017, p.37)

O psiquiatra seria um dos responsáveis por introduzir a psicanálise no Brasil no século XX, mas não de maneira clara, pois, embora a utilizasse como instrumento de compreensão, era crítico da teoria em razão do entendimento do pansexualismo freudiano, que compreendia as ações humanas através de um ordenamento sexual. Henrique Roxo era um dos maiores defensores do fisicalismo, tese que assumia a explicação do mundo na absoluta materialidade de todas as coisas, portanto, de acordo com essa lógica, Roxo acreditava que a hereditariedade era um dos elementos formadores de histeria (NUNES, 2010).

Lima Barreto encaixa-se perfeitamente nessa perspectiva biologista defendida por Roxo: negro, alcoólatra, com o pai afetado pela neurastenia e reconhecido como louco, torna-se uma peça que fomenta a teoria dos alienistas que deduziam ser da genética a causa da loucura. Ademais, a maneira invasiva de pesquisa, que estrutura a psiquiatria da época, ressignificava os pacientes, atribuindo-lhes *status* de cobaia, os quais poderiam ser usados como meio de investigar ou atestar algum postulado “científico”; o corpo é, então, desumanizado e transformado em objeto de pesquisa por uma falsa ideia de desenvolvimento e de progresso científico. É assim que, nesta passagem, e em tantas outras, a denúncia surge quase como um mecanismo de defesa à atual ciência impessoal, imbuída de preconceito, sedenta por formulações irracionais pautadas no racismo, afinal, ela se torna algoz e maior preocupação do autor durante suas internações:

Eu tinha muito medo do meu médico da Seção Pinel; ele tinha o orgulho e a fé na sua atividade intelectual, e os pontos de dúvida que deviam tirar do seu espírito o sentimento de sua evidência, pareciam que antes reforçavam-no (BARRETO, 2017, p.193)

Seus apontamentos não se restringiram às questões teóricas ou apenas àquilo que pertencia aos livros, por vezes o autor condenará a realidade manicomial e suas ações externas, inserindo a polícia

como um agente ativo que sempre está a intrometer-se na sua vida - provável consequência do imaginário racista - e no processo de reclusão ao manicômio:

Amaciando um pouco, tirando dele a brutalidade do acorrentamento, das surras, a superstição de rezas, exorcismo, bruxarias etc., o nosso sistema de tratamento da loucura ainda é o da Idade Média: o sequestro. Não há dinheiro que evite a Morte, quando ela tenha de vir; e não há dinheiro nem poder que arrebate um homem da loucura. Aqui no Hospício, com as suas divisões de classes, de vestuário etc., eu só vejo um cemitério: uns estão de carneiro e outros de cova rasa. Mas, assim e assado, a loucura zomba de todas as vaidades e mergulha todos no insondável mar de seus caprichos incompreensíveis. (BARRETO, 2017, p.74)

Durante a Idade Média, a sociedade era demarcada por uma estrutura segregacionista, os indivíduos que estavam muito afastados da ideia de puro e de ordem construída pela religiosidade cristã - marginais, loucos, pobres, doentes, leprosos, prostitutas e hereges - eram colocados à margem, excluídos do convívio social, principalmente por não possuírem um caráter funcional ou conformista com a estrutura ideológica vigente (ROCHA, 2011). Soma-se à similaridade entre o tratamento da loucura nas diferentes épocas a sua função de encarceramento. Aquele que se enquadra como louco, degenerado, é passivo de ser recolhido pelo poder dominante vigente, responsável pela ordem: as Santas Casas de Misericórdia, de cunho religioso-caritativo durante a Idade Média (DOS SANTOS, 2022) e os hospitais da Era Moderna, com uma perspectiva mercantilista da saúde.

O que se conclui é que, ainda que se anuncie os preceitos de liberdade da Era Moderna, há uma contradição dentro da psiquiatria ao se tratar do doente mental, pois esse não poderia exercer a cidadania visto que não possuiria um discernimento racional, o que legitimaria sua apreensão sem levar em conta seus arbítrios (DE OLIVEIRA; ALESSI, 2004).

Neste sentido, o Estado torna-se protagonista da busca, ou captura, daqueles ditos “invalidados”, tornando o manicômio local atrelado à ideia de erro, aproximando-o de uma penitenciária, coberto pelo ideal de correção. Torna-se clara a permanência de estruturas de controle que apreendem os reconhecidos como “loucos”. O escritor, ao dizer que o “sequestro” ainda se perpetua, em um sentido relativo, acaba por dizer que a “caça às bruxas” do Medievo se manteve, ou seja, o complexo alienista-insano mental toma o lugar do inquisidor-feiticeira. (SZASZ apud MILLANI, VALENTE, 2008). Em dado momento, há a citação desses grupos oprimidos e suas infelizes relações com a pobreza do manicômio:

O mobiliário, o vestuário das camas, as camas, tudo é de uma pobreza sem par. Sem fazer monopólio, os loucos são da proveniência mais diversa, originando-se em geral das camadas mais pobres da nossa gente pobre. São de imigrantes italianos, portugueses e outros mais exóticos, são os negros, roceiros, que teimam em dormir pelos desvãos das janelas sobre uma esteira esmolambada e uma manta sórdida; são copeiros, cocheiros, moços de cavalaria, trabalhadores braçais. No meio disto, muitos com educação, mas que a falta de recursos e proteção atira naquela geena social. (BARRETO, 2017, p.38)

Cabe apontar que essa lógica, exposta e condenada por Lima Barreto, tem seu início com o pai da genética Francis Galton (1822-1911), criador do pensamento da “degeneração biológica” e do termo “eugenia”, que se designa como a busca da perfeição humana através de uma seletividade genética. Embora tenha se apresentado como lógico, o discurso eugênico não se sustenta cientificamente, entretanto, foi dessas ideias que a Alemanha Nazista fez uso posteriormente para eliminar certos grupos étnicos e alemães considerados mentalmente deficientes (GUERRA, 2006). Isso posto, os livros de Lima Barreto são úteis para analisarmos como esses pensamentos eugenistas, importados da Europa, afetavam os grupos socialmente oprimidos no Brasil, principalmente os negros.

CONCLUSÕES

A partir das discussões feitas, foi possível perceber que as ideias precoces contraideológicas de Lima Barreto se relacionam com sua vida complexa e suas fases de internação no Hospital dos Alienados, além de elucidar e destrinchar suas críticas, muitas vezes relacionadas a uma certa

autoanálise. Suas obras são ricas, pois contrária à imparcialidade dos estudos acadêmicos de compreensão histórica, oferecem ao interlocutor o contato direto com a subjetividade de um agente social sobre as questões sociopolíticas de sua época. Além disso, como apresentado na pesquisa, é perceptível a capacidade do escritor de fazer apontamentos permeando a história, o universo literário e o campo da psiquiatria. Lima Barreto era tanto leitor dos grandes psiquiatras da época como paciente do manicômio, com essa junção de conhecimento e experiência, o escritor torna-se importante para analisarmos as estruturas e a prática dessa ciência dentro da sua perspectiva.

Sendo assim, expor e esclarecer os escritos combativos do autor é importante, pois possui um papel histórico para entendermos a realidade material dos dias atuais e a de sua época. Suas discussões servem para analisarmos quais foram os avanços que obtivemos na relação do psiquiatra e seu paciente, o abuso de autoridade ali possivelmente estabelecido e como as pautas sem embasamentos são legitimadas por serem ditas por nomes renomados dentro do campo científico, conforme nossa pesquisa expôs em relação a Henrique Roxo e seu discurso de acordo com o darwinismo social.

Desta forma, entendendo a importância de suas obras, conclui-se que Lima Barreto, para além de vítima da ilógica ciência, é um fomento para as discussões antimanicomiais que perduram até o presente. Sua paixão pelo mistério e seu desgosto com a tentativa dos psiquiatras de relacionar doenças mentais com etnias revelam que o escritor já discutia as questões basilares do evento que chocaria o mundo duas décadas depois, o Holocausto.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Lima. **Diário do hospício; O cemitério dos vivos**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 308 p. ISBN 978-8535929508.

GUERRA, Andréa Trevas Maciel. Do holocausto nazista à nova eugenia no século XXI. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 58, n. 1, p. 4-5, Mar. 2006.

HIDALGO, Luciana. A loucura e a urgência da escrita. **ALEA**, [s. l.], v. 10, ed. 2, p. 227-242, 5 fev. 2009. DOI <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2008000200005>. Acesso em: 9 ago. 2022.

MILLANI, Helena de Fátima Bernardes; VALENTE, Maria Luisa L. de Castro. O caminho da loucura e a transformação da assistência aos portadores de sofrimento mental. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 2, ago. 2008.

NUNES, Silvia Alexim. Histeria e psiquiatria no Brasil da Primeira República. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, dez. 2010, p.373-389.

OLIVEIRA, Alice Guimarães Bottaro de; ALESSI, Neiry Primo. Cidadania: instrumento e finalidade do processo de trabalho na reforma psiquiátrica. **Ciência saúde coletiva**; 10(1): 191-203, jan.-mar. 2005.

ROCHA, Ana Rita Saraiva. Introdução. **A institucionalização dos leprosos: O Hospital de S. Lázaro de Coimbra nos séculos XIII a XV**. 2011. Dissertação (Mestrado em História da Idade Média – Poderes, Espaços, Quotidianos) - Faculdade de Letras Universidade de Coimbra, [S. l.], 2011.

SANTANA, Nara Maria Carlos; DOS SANTOS, Ricardo Augusto. Projetos de modernidade: autoritarismo, eugenia e racismo no Brasil do século XX. **Revista de Estudios Sociales**. [online]. 2016, n.58, p. 28-38. ISSN 0123-885X.

SANTOS, Marcella Brito dos. Raça, sexualidade, gênero e a construção do saber psiquiátrico brasileiro: a alienação em questão. **Revista Científica Cognitions**. v. 5 n.1 (2022) p. 227 – 241. DOI: <https://doi.org/10.38087/2595.8801.134>

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O homem da ficha antropométrica e do uniforme pandemônio: Lima Barreto e a internação de 1914. **Sociologia & Antropologia** [online]. 2011, v. 1, n. 1 pp. 119-150.